

A SUSTENTABILIDADE À LUZ DOS CONCEITOS DE AGROECOLOGIA E ECOFEMINISMO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Monick Ellen Alves de Melo¹
Lucia Helena da Silva Maciel Xavier²

RESUMO

Entender os desafios da sustentabilidade na sociedade moderna tem sido um desafio abraçado por diferentes autores. No entanto, a leitura da sustentabilidade sob a ótica do feminismo ou dos preceitos agroecológicos possui abordagem diferenciadas e desconectadas. Pensando em um eixo motivador para a busca da prática da sustentabilidade a partir de conceitos inerentes ao universo feminino e, da mesma forma, às necessidades da sustentabilidade que são atendidas pelas experiências agroecológicas. Assim, o presente trabalho traz o tema da sustentabilidade entrelaçando a agroecologia e o ecofeminismo segundo uma abordagem teórica, mostrando como tais temas podem abarcar perspectivas ambientais e agrárias assim como de produção de conhecimento e empoderamento.

Palavras-chave: Ecofeminismo, agroecologia, sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A abordagem das complexas relações entre a sustentabilidade, preceitos da agroecologia e do ecofeminismo, apesar de terem um eixo norteador comum, ainda são pouco explorados pelos teóricos. As diferentes dimensões da sustentabilidade parecem não contemplar as diferentes relações.

O trabalho se propõe a refletir sobre a sustentabilidade a partir da perspectiva contra a dominação da natureza e por consequente de gênero. Conceituar sustentabilidade sem discussões de gênero e de manuseio e posse da terra é deixar lacunas em questões ambientalistas.

As perspectivas ecofeministas abrangem diferentes áreas de sustentar-se de desenvolver autonomias e reconhecimento de trabalhos produtivos e reprodutivos realizados pelas mulheres. O cuidado com a segurança alimentar de suas famílias acaba por resultar em um olhar mais sensível a questões ambientais, como a proposta da agroecologia,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco - UPE, melomonick@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, luciahelenaxavier@yahoo.com.br.

demonstrando o produto de desigualdade da sociedade onde a posse e o patriarcalismo estão juntos.

Segundo Maronhas, Schottz e Cardoso (2014) é dessa forma que surge um novo paradigma para a sustentabilidade.

“Esse campo, a partir de seus princípios e de suas experiências, concretas, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro ambiente ou outro ser humano.”

Tomar decisões sobre sua própria vida, tomar parte em decisões que implicam na vida de todos é uma questão de poder. O conhecimento e reconhecimento dos cuidados, também coma terra traz empoderamento e autonomia. Mulheres quando tem acesso a porte de terra ampliam a negociação e aceitação dentro da família e da sociedade.

METODOLOGIA

O presente estudo tem um viés, predominantemente, teórico e exploratório que busca apresentar uma análise do conceito da sustentabilidade a partir dos conceitos de agroecologia e ecofeminismo.

A percepção do conceito difundido de sustentabilidade incorpora diferentes dimensões que abrigam relações complexas. A partir desta premissa, foram avaliados os conceitos de agroecologia e ecofeminismo segundo a interpretação de diferentes autores. Utilizou-se, portanto, a análise bibliográfica como método principal.

DESENVOLVIMENTO

Do desenvolvimento sustentável e do Ecofeminismo

O conceito de desenvolvimento sustentável abriga uma gama de interpretações que, ao mesmo tempo, apresentam o desconforto da convivência entre as premissas econômicas do desenvolvimento e a busca pela estabilidade, pelo equilíbrio que o termo ‘sustentável’ compreende. Em outras palavras, sustentar o desenvolvimento torna-se algo incompreensível sob a ótica ecológica. Por outro lado, a interpretação da ecologia sob a

ótica do feminismo também parece enfrentar um certo antagonismo na medida em que se questiona o papel da mulher na sociedade e aos rótulos a elas atribuídos.

Pensar a relação do ambiente com o elemento antropológico já caracteriza-se como um desafio instigante. Pensar a relação da mulher com o ambiente e os seus efeitos na sociedade, na economia e na cultura, faz emergir toda uma gama de saberes que ainda é pouco explorada na literatura científica. Pensar o ecofeminismo transcende, portanto, os conceitos clássicos de sustentabilidade.

De acordo com Rodrigues (2000), ainda no início da década de 90, instante da realização da Eco 92 no Brasil, emergia a proposta do ecofeminismo, sendo, naquele primeiro momento, rechaçada ainda que entre os grupos feministas. Faltava naquele momento o embasamento do entendimento da proposta de valorização do papel da mulher em relação aos cuidados com os recursos (solo, água, sementes, etc). Este entendimento se ampliou ao longo do tempo, possibilitando uma melhor compreensão do conceito e suas vertentes.

Nas culturas tradicionais, em todo o mundo e desde os períodos mais remotos da história, enquanto cabia ao homem a exploração e defesa do espaço de convívio, cabia às mulheres o sustento que provinha do cultivo da terra, do gerenciamento dos recursos hídricos e do cuidado com a prole. A complementação das tarefas entre os gêneros veio a garantir a perpetuação das espécies a partir de um equilíbrio natural entre as relações de exploração tanto no contexto da caça quanto da coleta. No entanto, é a partir das atividades prioritariamente ‘femininas’ que se dá a manutenção dos recursos. Desde o cultivo vegetal, por meio da separação e plantio de sementes, por exemplo, até a preparação e conservação de alimentos ao longo do tempo como garantia de subsistência.

Neste tocante, percebe-se a importância da relação entre a sustentabilidade e a mulher em dimensões para além da dimensão ambiental ou ecológica.

Em recente estudo, Maronhas et al., (2019) avaliam as experiências agroecológicas exercidas por mulheres e constataam a importância entre a sustentabilidade e o universo feminino no empoderamento e fortalecimentos dos indivíduos e na construção social. Da mesma forma, Lopes Neto (2019), destaca o rompimento da economia clássica capitalista na medida em que espaços residenciais são cultivados por mulheres camponesas para sustento familiar.

As dimensões da sustentabilidade na agroecologia

De acordo com Francis et al. (2003), a agroecologia pode ser entendida como o estudo da ecologia no âmbito de sistemas alimentares sustentáveis. Dalgaard et al. (2003), acrescenta o conceito de agroecologia como uma disciplina integrativa que agrega elementos de agronomia, ecologia, sociologia e economia. Esta faceta multidisciplinar da agroecologia tem o viés aglutinador como premissa e ainda endossa a definição de sustentabilidade em suas diferentes dimensões.

Ignacy Sachs (1993), em sua importante contribuição sobre as estratégias de transição no contexto da sustentabilidade, propõe as cinco dimensões da sustentabilidade, conforme detalhado a seguir:

1. Social, que se entende como a criação de um processo de desenvolvimento que seja sustentado por um outro crescimento e subsidiado por uma outra visão do que seja uma sociedade boa. A meta é construir uma civilização com maior equidade na distribuição de renda e de bens, de modo a reduzir o abismo entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres.

2. Econômica, que deve ser tornada possível através da alocação e do gerenciamento mais eficiente dos recursos e de um fluxo constante de investimentos públicos e privados. Uma condição importante é a de ultrapassar as configurações externas negativas resultantes do ônus do serviço da dívida e da saída líquida de recursos financeiros do sul, dos termos de troca desfavoráveis, das barreiras protecionistas ainda existentes no Norte e do acesso limitado à ciência e tecnologia. A eficiência econômica deve ser avaliada em termos macrossociais, e não apenas através do critério da rentabilidade empresarial de caráter microeconômico.

3. Ecológica, que pode ser melhorada utilizando-se das seguintes ferramentas:

- Ampliar a capacidade de carga da espaçonave Terra, através da criatividade, isto é, intensificando o uso do potencial de recursos dos diversos ecossistemas, com um mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida;
- Limitar o consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos e produtos que são facilmente esgotáveis ou danosos ao meio ambiente, substituindo-os por recursos ou produtos renováveis e/ou abundantes, usados de forma não agressiva ao meio ambiente;

- Reduzir o volume de resíduos e de poluição, através da conservação de energia e de recursos e da reciclagem;
- Promover a autolimitação no consumo de materiais por parte dos países ricos e dos indivíduos em todo o planeta;
- Intensifica a pesquisa para a obtenção de tecnologias de baixo teor de resíduos e eficientes no uso de recursos para o desenvolvimento urbano, rural e industrial;
- Definir normas para uma adequada proteção ambiental, desenhando a máquina institucional e selecionando o composto de instrumentos econômicos, legais e administrativos necessários para o seu cumprimento.

4. Espacial, que de ser dirigida para a obtenção de uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial de assentamentos urbanos e atividades econômicas, com ênfase no que segue:

- Reduzir a concentração excessiva nas áreas metropolitanas;
- Frear a destruição de ecossistemas frágeis, mas de importância vital, através de processos de colonização sem controle;
- Promover a agricultura e a exploração agrícola das florestas através de técnicas modernas, regenerativas, por pequenos agricultores, notadamente através do uso de pacotes tecnológicos adequados, do crédito e do acesso a mercados;
- Explorar o potencial da industrialização descentralizada, acoplada à nova geração de tecnologias, com referência especial às indústrias de biomassa e do seu papel na criação de oportunidades de emprego não-agrícolas nas áreas rurais: nas palavras de M. S. Swaminatha “uma nova forma de civilização baseada no uso sustentável de recursos não é apenas possível, mas essencial” (McNeely et al. 1990: 10);
- Criar uma rede de reservas naturais e de biosfera, para proteger a biodiversidade.

5. Cultural, incluindo a procura de raízes endógenas de processos de modernização e de sistemas agrícolas integrados, processos que busquem mudanças dentro da continuidade cultural e que traduzam o conceito normativo de ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a área.

Tais dimensões refletem o conjunto mínimo e, ainda assim, bastante complexo, a partir do qual a sustentabilidade se ancora. Pensar a sustentabilidade sem considerar a dimensão cultural, por exemplo, compromete o entendimento de sua aplicação diferenciada em diferentes nações. Os valores culturais têm pesos e interpretações variadas em diferentes grupos. Da mesma forma, possui diferentes valores entre os gêneros e, por isso, reforça a importância de uma interpretação ampla, integrada e transversal do conceito de sustentabilidade e suas aplicações.

Por outro lado, pensar a agroecologia nos induz a excluir os preceitos de uma agroindústria que herdou como premissas o conjunto dos latifúndios, monoculturas e produção em escala. A agroecologia, por sua vez, remete à estratégia rica culturalmente e personalizada no tocante aos modos de produção que respeitam os limites dos recursos (terra, água e ar), como requisitos para a manutenção da qualidade e, principalmente, da continuidade ao longo do tempo.

O Ecofeminismo emerge

O termo foi utilizado pela primeira vez pela escritora francesa Françoise d'Eaubonne em 1974 e denominou um movimento feminista que surge para lutar contra dominação das mulheres e da natureza em aspectos ambientalista, espirituais, simbólicos, históricos e políticos. Sendo discutido por várias ativistas ao redor do mundo, como Vandana Shiva e Carol J. Adams. Grande parte de diálogos e produções do ecofeminismo falam sobre vivências de mulheres indígenas, rurais e até especificidades Latinas. O ecofeminismo aponta questões de gênero e ambientalistas, muitas vezes atreladas a economia feminista.

No Brasil apesar do termo ser timidamente utilizado e não possuir discurso oficial, programas efetivos de governo e ONG dedicados a tal, ocorrem programas assistenciais. Os principais diálogos se dão primeiro em associações e grupos comunitários, contando com narrativas indígenas e de ocupações sem terra. Por consequência também acaba ascendendo uma onda conservadora em oposição no Brasil, pois país se encontra como um dos protagonistas no crescimento do movimento feminista na América Latina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sustentabilidade está no cerne das discussões que abarcam a agroecologia e o ecofeminismo, existe uma perspectiva de gênero a partir de discussões ambientais que são extremamente relevantes, inclusive para os movimentos sociais.

Discussões como o sistema de trabalho, duplas jornadas, problemáticas sobre o impacto dos agrotóxicos no meio ambiente e a saúde das mulheres, educação ambiental, produção alternativa de alimentos e geração de renda para mulheres são assuntos presentes e pertinentes nas conversas dessas mulheres e trazem perspectivas e soluções sobre questões ambientais em nossa sociedade.

É importante também colocar que tais discussões e medidas tomadas a partir de tais temas dirige-se a mulheres pobres, trabalhadoras rurais e movimentos populares, trazendo assim capacitações, pesquisas e produção de conhecimento e de materiais que levam a conscientização sobre questões ambientais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres acabam dispondo de menos tempo para investir em sua educação, lazer e participação social. O reconhecimento de trabalhos produtivos e reprodutivos frente a agroecologia fortalece a identidade e empoderamento de mulheres que por vezes são reconhecidas apenas como ajudantes.

O ecofeminismo traz o olhar para questões de gêneros dentro do âmbito ambiental. Por vezes vemos narrativas sobre desigualdade de direitos a partir do gênero dentro e fora do trabalho, mas que exclui narrativas rurais e suburbanas onde a mulher está atrelada a propriedade e cuidados da terra. A agroecologia traz novas formas de cuidado longe da agroindústria e formas orgânicas de cuidado com a terra. Por consequência de seu contato mais próximo, a mulher acaba por emponderar-se ao entrar em contato com políticas e determinações de posse patriarcais de nosso sistema.

Vale constatar também que a perspectiva ecofeminista dialoga com a posição e condição social das mulheres, abrangendo áreas como raça, gênero, sexualidade, encontrando questões que se encontram no curso da agroecologia.

REFERÊNCIAS

Dalgaard, T., Hutchings, N.J., Porter, J.R., 2003. **Agroecology, scaling and interdisciplinarity.** *Agriculture, Ecosystems & Environment*, Vol. 100, 1, Pp. 39-51.

Francis, C., Leblein, G., Gliessman, S., Breland, T.A., Creamer, N., Salomonsson, L, Hardwood, R., Helenius, J., Rickert, D., Salvador, R., Wiedenhoft, M., Simmons, S., Allen, P., Altieri, M., Flora, C., Poincelot, R., 2003. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems.** *Journal of sustainable agriculture*, Vol. 22, 3, Pp. 99-118.

Lopes Neto, Antônio Augusto et al. **Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer.** *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 10, n. 3, may 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19857>>. Acesso em: 01 feb. 2019.

MARONHAS, Maitê Edite Sousa et al. 12305 - Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres - Região Sul. *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 6, n. 2, nov. 2011. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/12305>>. Acesso em: 01 feb. 2019.

RODRIGUES, Graciela. Eco-feminismo: superando a dicotomia natureza/cultura.2000. Disponível em: <http://www.abong.org.br/final/download/ArtigoEcofeminismo.pdf>. Acesso em: 01 feb. 2019

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Brasiliense, 1993, P. 29-56.